

ROTEIRO: (DES)MOBILIZAÇÃO FRENTE ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Escrito por: Catharina Souza, Clara de Assis Rabelo, Larissa Firmino e Maria Clara Hierro

BLOCO INTRODUÇÃO:

APRESENTADOR: Este é o PETCAST, um podcast produzido pelos bolsistas do programa PET/TEPP do Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O projeto conta com apoio do Instituto, mas lembramos que todo o conteúdo reproduzido é de responsabilidade dos bolsistas e não reflete posicionamento institucional. Este episódio foi gravado no Laboratório de Humanidades Digitais da PUC-Rio.

APRESENTADOR: Eu sou Y.

APRESENTADOR: E eu sou X. E neste episódio vamos falar sobre desmobilização frente às crises climáticas.

Inserção: Vinheta do PETCAST

APRESENTADOR: *“Precisamos de uma mobilização mundial a uma escala e a um ritmo jamais vistos. Uma mobilização que comece agora mesmo. (...). Caso contrário, o objetivo dos 1.5°C em breve morrerá”.*

APRESENTADOR: Essas foram as palavras de Inger Anderson (2024 *apud* AFP, 2024), diretora-executiva do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. As palavras da diretora refletem a visão de diversos acadêmicos e pesquisadores em relação à questão climática: as mudanças do clima só poderão ser mitigadas a partir de uma mobilização social em larga escala. Diante do aumento progressivo de eventos climáticos extremos, e da insuficiência das atuais medidas de mitigação e de adaptação às mudanças do clima, torna-se cada vez mais necessária a adoção de atitudes mais radicais na luta contra a crise climática — especialmente quando levamos em consideração as previsões de que chegaremos no limite de 1.5°C no aumento da temperatura média global antes do previsto. Segundo as Nações Unidas, para evitar que a temperatura média global ultrapasse os limites estabelecidos pelo Acordo de Paris, as nações precisarão se comprometer a reduzir, coletivamente, em 42% das emissões anuais de gases de efeito estufa até 2030, e em 57% até 2035.

APRESENTADOR: As medidas necessárias são evidentemente drásticas e exigem metas ambiciosas: é preciso uma transformação no modo como produzimos e como exploramos nossos recursos naturais. Porém, para alcançar tais objetivos, não basta um simples comprometimento dos governos. Até porque, para que tais compromettimentos sejam efetivamente alcançados, será preciso que a mobilização em escala internacional não se limite aos governantes, mas atinja, também, a sociedade civil. Desse modo, para lidarmos com as causas e com os efeitos adversos da crise climática, precisamos, antes de tudo, pensar em mobilizações sociais.

APRESENTADOR: No contexto dessa discussão sobre mobilização social, o PET/TEPP do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio realizou um questionário online que contou com a participação de 222 pessoas até o dia 25 de novembro de 2024. Seu objetivo foi entender como a população do Rio de Janeiro percebe as mobilizações em torno do tema das mudanças climáticas. Gostaríamos de trazer um resultado específico que diz respeito à percepção dos entrevistados sobre o nível de engajamento e de mobilização em relação às questões ambientais na região. O resultado parcial da pesquisa demonstra que 29.3% dos entrevistados acreditam que o nível de engajamento é “neutro”; 42.4% acreditam que seja “baixo”; e 16.6% dizem ser “muito baixo”. Esses dados nos fazem refletir como parte significativa dos entrevistados acredita que a luta frente às mudanças do clima, ou está enfrentando uma desmobilização, ou simplesmente não está apresentando engajamento significativo.

APRESENTADOR: Em um cenário onde as mobilizações políticas na luta contra as mudanças climáticas aparentam estar cada vez mais enfraquecidas, somos levados a nos questionar sobre o porquê dessa conjuntura. Por que o cenário predominante é de desmobilização? Será que estamos, realmente, tão desmobilizados assim?

APRESENTADOR: O episódio de hoje do PETCAST tem como tema a discussão sobre mobilização e desmobilização frente às mudanças climáticas.

BLOCO 1

Inserção:

“Você diz que o oceano está subindo

Como se eu me importasse

Você diz que o mundo inteiro já está acabando

Querida, ele já acabou

Você não vai desacelerar o processo

Deus sabe que você tentou

(...)

Nós estamos indo para onde todo mundo sabe

Todo mundo sabe”

APRESENTADOR: Esses são versos de uma música chamada “All Eyes on Me”, de Bo Burnham (2021), um comediante e músico estadunidense. A canção aborda o tema das mudanças do clima, de uma maneira sutil e, ao mesmo tempo, muito reveladora sobre a forma como lidamos com a crise climática. Apatia, ansiedade, conformismo... de algum modo, todos esses sentimentos que aparecem na canção são, também, pistas para respondermos à questão central deste episódio: por que não estamos vendo mobilizações de massa em larga escala contra as causas e os efeitos das mudanças do clima? Quais são as raízes da nossa desmobilização?

APRESENTADOR: Essa discussão é complexa, multifacetada e envolve, inclusive, respostas aparentemente contraditórias e paradoxais. Isso porque fenômenos como a crise climática e a mobilização social são complexos demais para encontrarmos uma única resposta que dê conta de explicar a totalidade da questão. Por isso, nossa pretensão aqui nesse episódio não é buscar respostas definitivas para questionamentos tão profundos. O que queremos fazer, na verdade, é uma tarefa mais simples: questionar e refletir. Vamos construir, juntos, uma reflexão sobre esse tema tão extenso.

APRESENTADOR: Para dar o pontapé inicial nessa grande discussão, podemos começar com uma pergunta: o que no fenômeno das mudanças climáticas dificulta tanto nossa capacidade coletiva de mobilização política?

APRESENTADOR: Em primeiro lugar, podemos dizer que as mudanças climáticas podem ser compreendidas como “hiperobjetos”. Essa é uma categoria que muitos de nós nunca sequer ouvimos falar, e, por isso, seu significado pode parecer difícil de entender.

APRESENTADOR: Pois bem, o que seria um “hiperobjeto”? Esse termo, que foi elaborado por Timothy Morton, diz respeito a uma série de coisas que são difíceis para nós de entender concretamente, porque elas desafiam as nossas ideias de espaço e de tempo. Tá, mas como assim? Bom, elas desafiam nossa ideia de espaço porque os efeitos de um hiperobjeto estão distribuídos de forma ampla por todo o planeta. Por essa razão, não conseguimos capturar diretamente as suas consequências. Vamos pensar nas mudanças climáticas. Você entende que efeitos das mudanças climáticas não estão restritos a uma cidade ou a um país específico? São efeitos que possuem uma escala global, e isso, para nós, é muito difícil de dimensionar.

APRESENTADOR: Além disso, um hiperobjeto desafia nossas percepções de tempo, porque temos dificuldade de compreender exatamente a sua duração. Podemos ler sobre o que a ciência diz sobre os impactos futuros das mudanças do clima, mas internalizar que os efeitos desse fenômeno tão grande vão ser cada vez mais intensos em um futuro não tão distante assim? Isso com certeza é muito difícil de se imaginar concretamente....

APRESENTADOR: A questão é que, apesar dessa nossa capacidade de compreensão, não podemos nos esquecer de que as mudanças do clima são um fenômeno real. O aquecimento global e a crise climática já produzem um forte consenso entre a comunidade científica do mundo. Só que, ainda assim, existe um problema, que é apontado pela filósofa Déborah Danowski: as consequências das mudanças climáticas são processos graduais. Apesar de sabermos que as mudanças do clima são reais e que já estão em curso, não sentimos todos os seus efeitos de uma só vez.

APRESENTADOR: Um relatório de 2014, produzido pela American Association for the Advancement of Science, indicou que alterações futuras na emissão de gases estufa, na elevação da temperatura média global e no aumento do nível dos oceanos vão acontecer de forma incremental: aumenta-se um pouco das emissões, levando a um pequeno aumento da temperatura global e do nível dos oceanos. O mundo, assim, se transforma pouco a pouco, embora em um ritmo cada vez mais acelerado. E, gradualmente, novos eventos climáticos extremos vão acontecendo. Enchentes no Rio Grande do Sul e na Bahia, chuvas torrenciais na região serrana do Rio de Janeiro, secas e queimadas na Amazônia... eventos como esses vão, aos poucos, tornando-se realidades cada vez mais frequentes. Como aponta o próprio relatório, até mesmo mudanças graduais nas emissões de gases estufa e na temperatura global

podem resultar em transformações abruptas e potencialmente irreversíveis nos sistemas naturais de nosso planeta.

APRESENTADOR: Porém, a Déborah Danowski (2012) argumenta que, mesmo testemunhando, com nossos próprios olhos, eventos climáticos extremos cada vez mais recorrentes, tudo isso segue sendo insuficientes para tornar concreto um fenômeno tão abstrato quanto o aquecimento global. Segundo ela, as mudanças do clima só poderão ser verdadeiramente compreendidas muito depois de já terem sido instauradas. E é justamente por causa dessa dificuldade de apreensão que classificamos as mudanças climáticas como hiperobjetos. E, se temos tanta dificuldade em entender a mudança do clima, talvez esse seja um dos motivos que torne tão difícil para a gente se mobilizar na luta contra elas.

APRESENTADOR: Toda essa discussão pode nos fazer pensar na ideia de negacionismo. Mas aqui, quando falamos de negacionismo, não estamos nos referindo àquela negação explícita de fenômenos como o aquecimento global. Essa forma de negacionismo climático existe e é obviamente um grande entrave para a luta ambiental. Mas, quando falamos, aqui, de negacionismo, estamos tratando de um negacionismo mais sutil, sobre o qual a ativista e jornalista Naomi Klein (2014) discute em seu livro “Tudo pode mudar”.

APRESENTADOR: Sabe quando estamos lendo, ouvindo ou assistindo alguma notícia sobre a gravidade da crise climática e sentimos a urgência de simplesmente desligar a TV ou se afastar do celular? São nessas horas que sentimos o desejo de ficar um pouco mais na ignorância, ou de apenas passar o olho pelas notícias, sem olhar a fundo para os detalhes de cada uma delas, em especial daquelas que mais nos assustam. Para Naomi Klein, isso é, também, uma forma de negação climática. Segundo a autora, quando buscamos nos convencer de que temos coisas demais para fazer no nosso dia a dia e de que não temos tempo para nos preocuparmos com as mudanças climáticas, estamos exercendo uma forma de negação — uma forma compreensível, especialmente dada a nossa dificuldade de apreender a dimensão das mudanças do clima, mas, ainda assim, uma negação. Isso nos ajuda a entender porque, mesmo vendo o aumento dos eventos climáticos extremos e sabendo que eles atingem a vida de muitas pessoas — especialmente das mais vulnerabilizadas —, continuamos a considerar as mudanças do clima como um problema distante.

APRESENTADOR: As razões por trás dessa negação mais sutil não são tão difíceis de entender assim. Por que negamos aquilo que já se mostra tão real? Déborah Danowski nos dá algumas pistas, quando diz em uma palestra que “uma razão pela qual se nega o inegável (...) é que isso que é inegável é também intolerável” (Danowski, 2012). Olhar a fundo para a gravidade da crise climática que já enfrentamos significaria encarar de frente que ainda temos um enorme caminho político a percorrer, o que exigiria de nós um esforço coletivo, talvez muito maior do que aquilo que fazemos por agora. Esse tipo de consciência nos deixa atordoados, e esse sentimento pode fazer com que a gente queira se afastar do debate. Tudo isso traz desafios muito grandes para a luta climática. Esses, no entanto, não são os únicos desafios. Como já dito anteriormente, esse é um problema complexo e multidimensional. Mas então, quais outras explicações poderíamos encontrar?

APRESENTADOR: Quais podem ser os outros desafios para a mobilização política e para a transformação social? Esse é um dos problemas pensados pelo filósofo Rodrigo Nunes (2022), em seu texto “Are We in Denial About Denial”. Sobre esse assunto, Nunes chega a uma conclusão interessante, que relaciona os desafios para a transformação social com o sistema político e econômico em que estamos vivendo agora: o capitalismo neoliberal. O autor escreve brevemente sobre como os mecanismos disciplinares do neoliberalismo produzem uma inércia que paralisa a luta coletiva pela transformação social.

APRESENTADOR: Ok, muita informação complicada de uma só vez, a gente entende. Mas então, como entender todo esse processo e como ele se relaciona com as mobilizações pelo clima? Para compreendermos esse argumento, é preciso, antes de mais nada, dar dois passos para trás e refletir: sobre o que se trata o “neoliberalismo”?

APRESENTADOR: Para tentar construir uma definição simples, podemos dizer que o neoliberalismo é uma corrente econômica e ideológica que ganhou força no mundo especialmente a partir dos anos 1980, com os governos da primeira-ministra Margaret Thatcher, no Reino Unido, e do presidente Ronald Reagan, nos EUA.

APRESENTADOR: Em resumo, podemos dizer que o neoliberalismo tem dois principais conceitos-chave, destacados por Martin Greenwood (2012). O primeiro deles é a defesa do livre mercado, a partir da ideia de que o mercado é o ator mais eficiente para alocar e distribuir os recursos de uma sociedade. Essa visão teve como resultado um processo

generalizado de desregulação dos mercados a partir da década de oitenta, que apresentou consequências severas para a sociedade e para o meio ambiente. Martin Greenwood (2021) explica que, com a desregulação dos mercados, as grandes corporações alcançaram um grau ainda maior de liberdade para extrair e explorar os recursos naturais do planeta, tudo em nome da lucratividade. Assim, o lucro fica cada vez mais atrelado à degradação ambiental e ao uso de combustíveis fósseis. Alguns dados ajudam a demonstrar essa tendência. Segundo o relatório Carbon Majors Report (2017 *apud* Riley, 2017), desde 1988, apenas 100 empresas foram responsáveis por mais de 70% das emissões globais de carbono. Em paralelo, dados divulgados pelo Public Health.org indicam que foi a partir dessa mesma década que as temperaturas globais passaram a subir em um ritmo alarmante (Greenwood, 2021).

APRESENTADOR: Outra ideia central para o neoliberalismo, que está diretamente atrelada à questão climática, é o individualismo. Greenwood aponta que essa ideologia, justamente por ser tão fascinada pela ideia de livre mercado, acaba por transformar o cidadão em consumidor. E, quando o principal foco passa a ser a esfera do consumo, o indivíduo ganha destaque dentro dessa lógica neoliberal, que vê com louvor atitudes consumistas e individualistas.

APRESENTADOR: Mas esse hiper-foco no indivíduo possui consequências graves quando estamos tratando de mudanças climáticas. Isso porque, ao voltar sua atenção para a ação individual, o neoliberalismo passa a responsabilizar o indivíduo pela crise climática. Em nossa sociedade, somos coagidos por diferentes meios — seja anúncios de grandes empresas, livros didáticos nas escolas, propagandas das grandes mídias, etc — a realizarmos, nós mesmos, ações que poderiam reverter a gravidade da crise ecológica e climática. E o interessante é pontuar como essa responsabilização recai exatamente na esfera do consumo individual. Somos encorajados a adotar um consumo sustentável, a consumir menos água e a economizar energia. Tudo isso, porém, pode ser visto como um mecanismo perverso que leva as pessoas a internalizar um sentimento de culpa por serem, elas próprias, as responsáveis pelo colapso ambiental. Enquanto isso, as mesmas 100 companhias seguem sendo responsáveis por mais de 71% das emissões de gás carbônico...

APRESENTADOR: Por esse motivo, como aponta o jornalista Martin Lukacs (2017), o neoliberalismo nos levou a combater as mudanças climáticas enquanto indivíduos, e não enquanto coletivo. Para o autor, no entanto, agir no campo do indivíduo não é suficiente. Isso

não significa dizer que ações individuais são irrelevantes, e que portanto deveríamos deixar de consumir de maneira responsável. O ponto de Lukacs é que somente movimentos de massa poderiam causar transformações sociais profundas a ponto de atingirem as causas estruturais do problema.

APRESENTADOR: Só que a lógica individualista do capitalismo neoliberal gera mais desafios para a mobilização coletiva, e isso também não é difícil de entender. Pensa comigo: quando somos levados a acreditar que somos autossuficientes, que somente nossas ações individuais importam, começamos a nos esquecer do quanto dependemos uns dos outros. Quanto mais focamos no indivíduo, mais desacreditamos na possibilidade de formação de redes de solidariedade, o que resulta em um verdadeiro enfraquecimento de nossos laços coletivos, que são a verdadeira fonte das mobilizações de massa.

APRESENTADOR: Além disso, uma cultura de culpabilização individual, pode gerar uma sensação de que nossas ações não surtem efeitos práticos para reverter a crise climática, o que de certa forma acaba gerando paralisação.

APRESENTADOR: Uma das possíveis explicações para essa sensação de paralisia diante das questões ambientais está naquilo que chamamos de Eco Ansiedade ou Ansiedade Ecológica. Em 2019, a Associação Australiana de Medicina declarou que a mudança de clima poderia causar problemas de saúde severos, incluindo a ansiedade por causa dessas mudanças, principalmente em populações vulneráveis mundialmente que precisam sobreviver às consequências da mudança ambiental e a eventos climáticos extremos, como queimadas, enchentes e etc.

APRESENTADOR: Não só é prejudicial à saúde mental das pessoas que se sentem assim, como levam também a um cenário de desmobilização social, em que a pessoa, por não ter forças para lutar contra os problemas ambientais, se fecha completamente a qualquer tipo de movimento social ou pessoal para combater estes.

APRESENTADOR: Glenn Albrecht, um professor e ambientalista da Universidade de Murdoch na Austrália, relaciona eco ansiedade ao medo crônico de entrarmos em uma ruína.

APRESENTADOR: Com isso, podemos dizer que Eco ansiedade não se refere somente à ansiedade causada por problemas ecológicos, mas sim à ansiedade causada talvez até por conta de uma dificuldade ou inviabilidade de resistir a esses.

APRESENTADOR: Por conta desse problema, não só a mobilização se torna mais difícil, mas também há o surgimento de narrativas surreais inventadas por conta da desinformação que rodeia através de redes sociais e até mesmo pessoas da região. Causando problemas para engajar a comunidade afetada por esses fatores.

APRESENTADOR: Quando falamos de mobilização, o que vem na sua mente? Pessoas? Políticas? Público?

APRESENTADOR: Para realizar uma mobilização, precisamos entender quem pode se dispor a participar desta. Para isso, precisamos entender também o contexto social destas pessoas.

APRESENTADOR: Com a presença de uma desigualdade social cada vez maior, se torna mais difícil mobilizar pessoas para entrar no combate aos problemas ambientais. Até porque, em diferentes contextos, para se mobilizar é necessário que essas pessoas possuam alguns atributos como tempo disponível e recursos, inclusive financeiros. Não é tão simples ocupar as ruas e participar de grandes protestos, principalmente quando se vive em um país como o Brasil, onde muitas pessoas precisam trabalhar incessantemente para sobreviver, e acabam não tendo disponibilidade para participar na linha de frente nessa luta.

APRESENTADOR: No entanto, é muito importante que a gente não generalize essa relação entre vulnerabilidades sociais e a não mobilização social. Precisamos olhar para esse problema de maneira crítica, porque, não só muitas comunidades vulnerabilizadas se mobilizam ativamente em seus cotidianos, como também, para muitos desses grupos, a desmobilização sequer é uma escolha. Devido às desigualdades e ao racismo ambiental, algumas comunidades em vulnerabilidade se mobilizam ativamente e, por vezes, até mais que os estratos mais altos da sociedade. Ou seja, primeiramente precisamos repensar o que entendemos como mobilização.

BLOCO 2:

APRESENTADOR: Hoje em dia, muito se fala sobre mobilização. Ao acompanhar o que aparece na imprensa, nas mídias sociais e nos debates, vemos uma grande ênfase na necessidade de que todos se mobilizem. Mas, antes de tudo, precisamos entender o que significa essa mobilização de que tanto falamos, o que é, afinal, o ato de se mobilizar? É importante refletir se já não estamos nos mobilizando de alguma forma e se todos realmente

estão participando desse processo de mobilização ou se, talvez, algumas lutas estejam apenas com menos visibilidade.

APRESENTADOR: Para entender melhor o que é mobilização, a gente pode começar olhando a origem da palavra. "Mobilizar" quer dizer algo que pode se mover, que pode mudar de lugar. Mobilizar-se, então, é “convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob a interpretação e um sentido também compartilhados” (Toro e Werneck, 1996). Assim, seja em pequenos grupos, em comunidades ou na sociedade como um todo, as pessoas podem se unir na luta por algo em comum. É um trabalho constante, em uma busca diária por resultados que façam diferença para aquele grupo como um todo (AIC, 2021).

APRESENTADOR: Na mobilização, esse grupo, que compartilha de visões de mundo parecidas sobre questões que tocam diretamente suas vivências, vai se mover, se organizar, pensando em como pode construir conhecimento sobre aquele tema para, assim, conseguir dialogar com um público maior. A ideia é que todos possam entender e se identificar com esse objetivo em comum. Assim, esse objetivo deixa de ser uma luta de poucos e passa a ser uma luta de um coletivo, de um grupo de pessoas que se mobilizam juntas em prol dessa causa (Toro e Werneck, 1996).

APRESENTADOR: Mobilização social é sobre razão e paixão, pois esse propósito comum só se torna um objetivo coletivo quando é relevante para quem se apropria dele, para que haja uma dedicação contínua. Além disso, a mobilização social é um ato de comunicação, porque essas interpretações, visões e sentidos são reconhecidos de forma conjunta (Toro e Werneck, 1996).

APRESENTADOR: A mobilização social tem algumas características importantes, como coletivização, vinculação e identificação. A coletivização acontece quando a gente passa de uma visão individual para uma visão de um coletivo. Quando as pessoas começam a perceber que os problemas que as afetam, de alguma forma, também impactam outras, elas entendem que é preciso se unir para enfrentar essas questões. (AIC, 2021).

APRESENTADOR: E ao falarmos sobre a característica da vinculação, é um pensamento bem simples, não existe mobilização social sem participação. No ato de comunicação, geramos informações que criam visões e identificações, e isso é o que faz a mobilização social acontecer. Para atuar em uma causa, é preciso estar vinculado a ela, e essa vinculação só acontece quando há uma identificação.

APRESENTADOR: E a característica da identificação surge da construção de uma identidade comum dentro do grupo. Por isso, pensar na comunicação é necessário nesse processo, pois ao esclarecer e informar sobre os problemas, conseguimos gerar essa identificação coletiva, que traz uma sensação de pertencimento e reconhecimento entre as pessoas, que resulta nessa solidariedade coletiva. A comunicação cria símbolos e códigos que nos ajudam a entender essas informações juntos, e é por isso que ela é tão importante, pois ela ativa as identidades das pessoas nesse processo de mobilização (AIC, 2021).

APRESENTADOR: O conceito de mobilização no pensamento coletivo talvez possa estar sempre ligado a um corpo social, em que essa mobilização social venha a envolver a ideia de coletividade e de agir em redes. Mas será que a mobilização se restringe apenas a comportamentos em larga escala? Muitas vezes, a gente associa a mobilização social a manifestações públicas, com milhares de pessoas se reunindo, gritando e segurando cartazes no centro da cidade, pedindo por mudanças.

APRESENTADOR: E de certo modo, acabamos pensando muito nessa dimensão palpável e visível da mobilização, algo que se vê de forma muito explícita. Mas será que a mobilização é só isso? Só sobre se reunir e protestar? Será que ela é sempre tão nítida, como se fosse óbvio o que associamos à mobilização? Pois há um risco muito grande de por não sabermos bem o que é mobilização, muitas formas dela possam acabar passando despercebidas.

APRESENTADOR: A mobilização social vai muito além das manifestações públicas, dos cartazes e gritos de protesto. Para muitos povos, principalmente para aqueles historicamente marginalizados, a mobilização é uma luta diária e silenciosa pela sobrevivência, pela defesa de seus territórios, de suas culturas e formas de viver. Essa resistência constante, que não necessariamente se manifesta em grandes atos públicos, é uma mobilização que muitas vezes é invisibilizada, mas deve ser tida como mobilização.

APRESENTADOR: E nas pequenas ações cotidianas é que a mobilização social se manifesta, nos gestos de apoio dentro da comunidade, na manutenção de tradições e modos de vida, na preservação de uma língua, ou na resistência à opressão. É um tipo de mobilização que não recebe, necessariamente, grandes palcos ou visibilidade em larga escala, mas que acontece todos os dias.

APRESENTADOR: Com o agravamento das mudanças climáticas, os eventos extremos estão afetando o dia a dia das pessoas. Mas tem algumas comunidades que enfrentam isso de

uma maneira ainda mais intensa. Geralmente, são os povos tradicionais, como quilombolas, ribeirinhos, indígenas, moradores de favelas e periferias. Essa realidade socioeconômica torna esses grupos mais vulneráveis e mais fragilizados na hora de lidar com as mudanças climáticas (COEP, 2011 *apud* IPCC, AR5, 2014). Eles acabam ficando mais expostos a doenças, enfrentam um aumento na insegurança alimentar e na subnutrição, e ainda sofrem com perdas de bens materiais e moradias, além de verem diminuir os meios de produção e as fontes de renda (COEP, 2011 b).

APRESENTADOR: As crises climáticas também são resultado da expropriação de terras de povos tradicionais. Pensar em resistência e mobilização frente às mudanças climáticas começa com dar protagonismo a essas comunidades, que são vitimizadas e estão na vanguarda da luta pelo direito de proteger suas terras. Essas lutas pela sobrevivência, que acontecem no dia a dia, colocam essas comunidades na linha de frente. Elas estão lá, protegendo suas terras e florestas, preservando nascentes, cultivando de forma sustentável e resistindo à exploração de seus territórios. E, embora muita gente ache que nossa sociedade está desmobilizada, existem comunidades para as quais a desmobilização nunca foi uma opção! Para elas, a luta acontece diariamente em prol da vida. É uma batalha pela sobrevivência, pelos direitos ao acesso à água, ao saneamento, à alimentação e à terra.

APRESENTADOR: A pauta ambiental no enfrentamento da crise climática, para essas comunidades, começa com a necessidade de repensar nossa relação com a terra, com o consumo e com a própria subsistência. Mobilizar-se, para muitos é sobre garantir o acesso a direitos básicos, que muitas vezes são ignorados. Por isso é importante dar visibilidade a ideia de mobilização para além do que é visível, mainstream e de massas. Existem formas de mobilização que ocorrem nas redes informais de apoio, nas estratégias de sobrevivência que não aparecem na mídia, mas que são fundamentais para a existência de muitos povos e indivíduos.

APRESENTADOR: Podemos usar a ideia de Bem Viver como exemplo. Alguns povos indígenas latino-americanos têm essa cosmovisão do Bem Viver (BV), que se refere a modos de vida que são coletivos, comunitários e em harmonia com a natureza (Acosta, 2016; Guevara; Capitán, 2015 *apud* Koirala et al., 2016). Essa cosmovisão é reproduzida pelas chamadas Comunidades Energéticas, que por estarem fora da zona de fornecimento de energia tradicional, essas comunidades utilizam o próprio território para produzir eletricidade e calor em pequena escala, tudo gerido pelos próprios moradores. Elas conseguem, de

maneira independente, identificar suas necessidades energéticas e criar soluções baseadas nelas, o que reduz custos, diminui emissões e une a comunidade em uma mobilização comunitária com um objetivo sustentável e comum (Koirala et al., 2016).

APRESENTADOR: Porém, é sempre importante a gente lembrar que não é porque estamos falando de comunidades tradicionais que as suas formas de mobilização se limitam às suas cosmovisões ou às suas relações ancestrais com a natureza. Precisamos sempre nos lembrar de que essas formas de mobilização, apesar de serem fundamentais, não são únicas: há, por exemplo, muitos grupos indígenas altamente articulados e organizados politicamente na luta pelos direitos dos povos originários. Um exemplo desse processo é a luta contra o Marco Temporal. Essa proposta de lei diz que os povos indígenas só podem reivindicar a demarcação de suas terras se estivessem habitando esses locais em até 5 de outubro de 1988, data de promulgação da Constituição de 1988, que é a primeira garantia constitucional dos direitos indígenas (Greenpeace, 2022). Mas é importante lembrar que o direito à terra para os indígenas não depende de uma demarcação administrativa. Eles têm um direito originário à terra, que vai além disso. E esse marco temporal acaba favorecendo ainda mais o agronegócio e a exploração de recursos naturais e minerais, o que só contribui mais ainda para o agravamento da degradação ambiental que já estamos enfrentando.

APRESENTADOR: Uma das mobilizações indígenas que gostaríamos de trazer se chama "Luta Pela Vida" e foi criada pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB, 2021) durante o governo Bolsonaro. Essa articulação se dedica a lutar pelos direitos indígenas, defendendo os corpos, terras, territórios, identidade, ancestralidade e cultura desses povos. Para eles, essa luta vai além da preservação da vida; é uma defesa da Mãe Natureza, que tem sido devastada e exterminada pelas elites econômicas.

APRESENTADOR: A APIB também faz parte do Levante Indígena, que surgiu em 2021, durante a pandemia, como uma resposta a um congresso que promovia políticas anti-indígenas e para se mobilizar contra o Marco Temporal. Os indígenas marcharam em direção a Brasília, entoando seus cânticos e expressando suas reivindicações. Eles realizaram ações de enfrentamento contra a degradação da vida e da terra no Brasil, organizando marchas e levando representantes dos povos para acompanhar julgamentos e apresentar propostas.

APRESENTADOR: Atualmente, existem 1.393 terras indígenas que estão ameaçadas por propostas de lei como o marco temporal. Essas terras, tradicionalmente ocupadas pelos povos

originários, são conhecidas por sua rica biodiversidade e vegetação preservada. Por isso, os indígenas lutam pela demarcação dessas áreas, buscando protegê-las de um sistema de invasores ilegais, garimpeiros, madeireiros e do agronegócio. Essas lutas são cotidianas e estão intrinsecamente ligadas à preservação da vida. É nesse contexto que podemos pensar em garantir um estoque seguro de carbono, a respiração da floresta, ajudando assim na luta contra as mudanças climáticas (APIB, 2021).

Portanto, podemos ver como a resistência dos povos indígenas são múltiplas e complexas e não se limitam a uma única forma de mobilização. A luta ancestral pelo direito à terra e ao bem viver é articulada com formas mais convencionais de organização política, como protesto. No entanto, mesmo que esses povos originários estejam altamente engajados nessa luta, ao reproduzirem certos moldes tradicionais de mobilização, isso não retira o fato de que suas manifestações continuam sendo um movimento muito negligenciado.

APRESENTADOR: Por isso, precisamos refletir sobre a quem daremos o protagonismo nas vozes que pensam e se disseminam em resistência frente às mudanças climáticas. Mesmo que, em nossas cosmovisões e a partir de posições de privilégio, se discuta sobre desmobilização, é importante reconhecer que essas visões e narrativas muitas vezes vêm de lugares mais privilegiados. Nas camadas mais favorecidas, se fala em desmobilização como se fosse uma realidade universal, mas isso também é uma posição de privilégio.

APRESENTADOR: Existem comunidades que, diariamente, enfrentam e lutam contra as consequências das mudanças climáticas, e suas mobilizações costumam ser invisibilizadas por interesses de uma elite. Isso não significa que estamos desmobilizados ou que não há engajamento diante desse problema. No cotidiano e nas subjetividades das vivências, essas comunidades vivem a luta de forma intrínseca à vida, precisam, podem e já estão na linha de frente nessa causa. Para elas, mobilizar-se é parte essencial de suas vidas.

APRESENTADOR: Quando nós pensamos nas lutas que nascem da sobrevivência, elas possuem diversas formas, para além da existência de comunidades tradicionais. Muitas das comunidades que vivenciam ou já vivenciaram os efeitos diretos das mudanças do clima, também veem na sobrevivência, uma necessidade de se mobilizar.

APRESENTADOR: Nós temos visto de modo cada vez mais intenso os impactos das mudanças climáticas pelo globo. Enchentes, incêndios, ondas de calor têm sido, infelizmente, uma realidade cada vez mais frequente. Depois desses desastres que são consequência direta

dessas mudanças climáticas, é necessário uma série de mobilizações para se restabelecer, como resgate de animais, doação de roupas, doação de comida, voluntariado para reconstruir casas. Apesar dessas mobilizações ocorrerem mesmo quando esses desastres não são consequências diretas das mudanças climáticas, a partir do momento em que são, é necessário considerarmos elas mobilizações climáticas.

APRESENTADOR: Para ilustrar essa discussão, podemos pensar no caso recente das enchentes no Rio Grande do Sul, uma das maiores tragédias socioambientais do Brasil nos últimos anos. Tudo começou em 27 de abril, quando uma forte chuva atingiu Santa Cruz do Sul, na Região dos Vales, e se intensificou ainda mais no dia 29. Sem dar trégua, essa tempestade durou mais de dez dias, forçando diversos rios a transbordarem, inundando cidades inteiras e deixando um rastro de destruição. Segundo a Defesa Civil, 172 pessoas perderam a vida e mais de 629 mil foram forçadas a abandonar suas casas. Entre tantas imagens marcantes, a foto de um cavalo — que ficou conhecido como “Cavalo Caramelo” — isolado em cima de um telhado viralizou, simbolizando a situação de desespero não só das pessoas, mas também dos animais. Essa cena nos lembra de como os animais também sofrem com os desastres naturais, enfrentando a perda de seus habitats e condições extremas.

APRESENTADOR: A reconstrução no estado exigirá um esforço sem precedentes. O ecólogo Marcelo Dutra da Silva afirma que não adianta simplesmente reconstruir tudo como antes, já que o cenário climático mudou e eventos extremos se tornarão recorrentes. Segundo ele, o estado precisa de um plano de reconstrução focado em áreas mais seguras e resilientes. Ele alerta que cidades inteiras terão que mudar de lugar indicando que pessoas que perderam suas casas talvez nem possam voltar para suas cidades, pois reconstruí-las em áreas de risco seria em vão, com a próxima enchente inevitavelmente destruindo tudo novamente em poucos anos.

APRESENTADOR: Contudo, frente a essa tragédia a mobilização nacional foi impressionante, com uma resposta rápida e eficiente de voluntários, organizações e doadores de todo o país. Em poucos dias, toneladas de alimentos, roupas e kits de higiene foram mobilizados. No Rio Grande do Sul, voluntários de vários cantos do país chegaram para ajudar as pessoas que perderam tudo e milhões de reais foram doados por meio de iniciativas da sociedade civil.

APRESENTADOR: Enquanto o Rio Grande do Sul luta para se recompor das enchentes e ainda sequer conseguiu contar todos os mortos da pior tempestade já registrada no estado, em outras regiões do Brasil, o problema é o fogo. Até o início de maio, foram registrados mais de 17 mil focos de queimadas no país, o maior número desde que o Inpe, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, começou a medir esses dados, em 1998. Na Amazônia, o aumento é de 148%, e no Pantanal, bioma que ainda sofre as consequências de 2020, o número de queimadas subiu quase 1.000%. Essas duas tragédias – a água no Sul e o fogo no Norte – são dois lados da mesma moeda e têm a crise climática como pano de fundo. Mais do que nunca, o Brasil precisa falar sobre adaptação, e o Governo Federal precisa agir rápido para socorrer as regiões atingidas e conter a situação. É como diz Suely Araújo, do Observatório do Clima: sem entender a importância da adaptação, essas tragédias só vão aumentar em frequência e gravidade.

APRESENTADOR: Contudo, apesar de serem dois lados de uma mesma moeda, cada um deles é tratado de forma muito diferente. A mobilização nacional foi muito menos potente no Norte do que foi no caso do Sul. Não se vê a mesma onda de solidariedade quando o fogo avança na Amazônia e no Pantanal. Diante da gravidade dos incêndios, em conversa com interlocutores, o ministro do STF, Flávio Dino, questionou essa diferença de tratamento, comentando que a sociedade brasileira se mobiliza prontamente nas enchentes, mas parece encarar a seca e o fogo como algo "normal". Ele ainda fez a seguinte reflexão: quantos "cavalos Caramelos", como o símbolo da tragédia do Sul, estão sendo vítimas diariamente na Amazônia e no Pantanal?

APRESENTADOR: As queimadas no Norte recebem menos atenção que as enchentes no Sul por uma combinação de preconceitos regionais, disparidades socioeconômicas e desinformação ambiental. Para muitos brasileiros, as enchentes no Sul são percebidas como mais urgentes por impactarem regiões economicamente importantes e próximas, enquanto os incêndios no Norte são vistos como “distantes” ou até “naturais” no contexto amazônico e pantaneiro. Isso resulta em uma indiferença coletiva e uma resposta mais limitada. Sendo uma área de grande relevância econômica, o Sul, quando atingido por desastres, mobiliza amplas cadeias produtivas e atrai cobertura midiática intensa, gerando maior comoção. Em contraste, o Norte, além de ter uma população menos densa, enfrenta preconceitos históricos e o desafio de ser visto como uma região periférica e de menor prioridade no imaginário nacional.

APRESENTADOR: Precisamos refletir sobre quem realmente tem o privilégio de "estar desmobilizado". As pessoas afetadas por desastres — provocados pelas mudanças climáticas ou por ações humanas contra o meio ambiente — enfrentam a necessidade de se mobilizar para sobreviver. Dependem de doações, voluntários e esforços de reconstrução, mesmo que não tenham iniciado suas ações como parte de uma causa ambiental. Essa mobilização, porém, acaba destacando a urgência climática e serve como exemplo claro de engajamento. Além disso, devemos considerar quais regiões e grupos sociais serão impactados primeiro e com menos recursos para se recuperar, como discutimos no episódio passado sobre racismo ambiental. Talvez o que percebemos como "desmobilização" seja, na verdade, uma falta de entendimento sobre certas dinâmicas como mobilizações climáticas. Hoje, o simples ato de resistir às catástrofes já se torna uma forma de mobilização, e a desmobilização, nesse contexto, será um privilégio temporário, pois, cedo ou tarde, todas as camadas sociais serão afetadas, em algum nível, pelas mudanças climáticas.

APRESENTADORA: Muito bem, ao longo desse episódio, discutimos como a mobilização muitas vezes surge da necessidade, e a desmobilização pode ser um reflexo de privilégios ou de falta de entendimento sobre a urgência climática. É nesse contexto que movimentos e coletivos desempenham um papel essencial, criando conexões entre diferentes comunidades, articulando ações e propondo soluções práticas para os desafios que enfrentamos. Dito isso, teremos hoje a oportunidade de conhecer melhor o Coletivo Casulo, um exemplo inspirador de engajamento e trabalho colaborativo.

BLOCO 3: ENTREVISTA

1. Seja muito bem-vindx ao nosso podcast! Para começar, gostaria que você nos contasse um pouco sobre o Coletivo Casulo. Qual é a essência desse projeto, como ele surgiu?
 - a. E como você ficou sabendo do projeto e decidiu se envolver com ele?
2. Dentre as múltiplas frentes em que o coletivo atua, quais são as formas de atuação do grupo na pauta climática e ambiental?
3. Bom, nesse episódio falamos muito sobre mobilização e desmobilização e sobre o que a gente considera que é se mobilizar. Então, eu gostaria de te perguntar como você enxerga essa nova geração com quem você tem contato tão direto por meio dos

projetos do Coletivo Casulo. Você vê uma geração mais mobilizada e engajada em prol das mudanças climáticas? E a partir de qual entendimento de mobilização você parte?

- a. E na sua visão, quais são os principais fatores/dinâmicas que geram esse (des) mobilização (essa pergunta depende se a pessoa entrevistada responder se está mais mobilizado ou desmobilizado)?
- b. E qual pode ser o papel da educação popular para fomentar esse engajamento, especialmente quando pensamos naquelas iniciativas populares que já existem, mas que a educação popular pode ajudar a fortalecer?

Bibliografia:

ALBRECHT, G.. Chronic Environmental Change: Emerging ‘Psychoterratic’ Syndromes. *In*: WEISSBECKER, I.. (ed.). **Climate Change and Human Well-Being**. Nova Iorque: Springer, 2011, p. 43-56. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4419-9742-5_3. Acesso em: 3 nov. 2024.

Articulação dos Povos Indígenas no Brasil (APIB). **Marco Temporal**. Disponível em: <https://apiboficial.org/marco-temporal/>. Acesso em: 3 nov. 2024

BRASIL. **Estratégia de Povos e Populações Vulneráveis**. Disponível em: https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/mudanca-do-clima/clima/arquivos/pna_estrategia_de_povos_e_populacoes_vulneraveis.pdf. Acesso em: 3 nov. 2024.

BRASIL. **Ampla frente de solidariedade se une no socorro às vítimas de chuvas no Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/09/ampla-frente-de-solidariedade-se-une-no-socorro-as-vitimas-de-chuvas-no-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 3 nov. 2024.

BOBURNHAM. **All Eyes On Me** -- Bo Burnham (from “Inside” - album out now). YouTube, 16 jun. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1Rx_p3NW7gQ. Acesso em 3 nov. 2024.

CHUVA no Sul, fogo no Norte: governo precisa agir no novo normal - OC | **Observatório do Clima**, 3 mai de 2024. Disponível em: <https://www.oc.eco.br/chuva-no-sul-fogo-no-norte-governo-precisa-agir-no-novo-normal/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

COFFEY, Y.. et al. **Understanding Eco-anxiety: A systematic scoping review of current literature and identified knowledge gaps**. The journal of climate change and health. 2021. Acesso em 1 de Novembro de 2024. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2667278221000444>. Acesso em: 3 nov. 2024.

DANOWSKI, D.. O hiperrealismo das mudanças climáticas e as várias faces do negacionismo. **Sopro 70**, ago. 2010. Disponível em: <https://culturaebarbarie.org/sopro/outros/hiperrealismo.html>. Acesso em: 3 nov. 2024.

DANTAS, J.. O que é o Marco Temporal e como ele ameaça os direitos indígenas. Greenpeace, 20 mai. 2022. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/o-que-e-o-marco-temporal-e-como-ele-ameaca-os-direitos-indigenas/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

EMOBILE. **Mobilização no Rio Grande do Sul em resposta às enchentes.** Disponível em: <https://emobile.com.br/site/noticias/mobilizacao-no-rio-grande-do-sul-em-resposta-as-enchentes/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

FRÓIS, C.; TAINÁ, J.; REINHOLZ, F.. Da Amazônia ao RS: entenda a crise climática que atinge o Brasil. **Brasil de Fato**, Porto Alegre, 5 set 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/09/05/da-amazonia-ao-rs-entenda-a-crise-climatica-que-atinge-o-brasil>. Acesso em: 3 nov. 2024.

GONZÁLEZ, A. B. P.; VIGLIO, J. E.; FERREIRA, L. da C.. **Comunidades Energéticas na América Latina: Visando uma transição energética a partir da noção de Bem Viver.** Desenvolvimento em Questão. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/11832>. Acesso em: 3 nov. 2024.

GREENWOOD, M.. How Neoliberalism Destroyed the Planet and Why Capitalism Won't Save Us. **The University of Manchester**, 4 mai. 2024. Disponível em: <https://sites.manchester.ac.uk/global-social-challenges/2021/05/04/how-neoliberalism-destroyed-the-planet-and-why-capitalism-wont-save-us/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

IPCC, 2014: **Climate Change 2014: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change.** IPCC, Geneva, Switzerland. Disponível em: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/05/SYR_AR5_FINAL_full_wcover.pdf. Acesso em: 3 nov. 2024.

KLEIN, N.. **Isso muda tudo: capitalismo Vs. clima.** Londres: Allen Lane, 2014. Acesso em 3 nov. 2024.

Levante indígena. Casa Ninja Amazônia. Disponível em: <https://casaninjaamazonia.org/levante-indigena/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

LIMA, D.. Dino estabelece regime de emergência climática para combate a incêndios. G1, 15 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/daniela-lima/post/2024/09/15/dino-estabelece-regime-de-emergencia-climatica-para-combate-a-incendios.ghtml>. Acesso em: 3 nov. 2024.

LOPES, B.. **O que é mobilização social?** Disponível em: <https://aic.org.br/cotidiano/o-que-e-mobilizacao-social/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

LUKACS, M.. Neoliberalism has conned us into fighting climate change as individuals. **The Guardian**, 17 jul. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/true-north/2017/jul/17/neoliberalism-has-conned-us-into-fighting-climate-change-as-individuals>. Acesso em: 3 nov. 2024.

MAÇULO, L.. **Enchentes no RS e população negra: caminhos equânimes para a reconstrução**. Disponível em:

<https://abrasco.org.br/enchentes-no-rs-e-populacao-negra-caminhos-equanimes-para-a-reconstrucao-artigo-de-elaine-oliveira-soares/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

NUNES, R.. Are we in denial about denial?. *In*: SUGRUE, Thomas J.; ZALOOM, Caitlin (ed.). **The long year: a 2020 reader**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2022. p. 451-460.

O GLOBO. **Um mês de enchentes no RS: veja cronologia do desastre que atingiu 471 cidades, matou mais de 170 pessoas e expulsou 600 mil de casa**. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.ghtml>. Acesso em: 3 nov. 2024.

PALAVRA, Origem da. **Mobilização**. Disponível em:

<https://origemdapalavra.com.br/palavras/mobilizacao/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

PORTAL Gov.br. **Estratégia de Povos e Populações Vulneráveis**. Disponível em:

https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/mudanca-do-clima/clima/arquivos/pna_estrategia_de_povos_e_populacoes_vulneraveis.pdf. Acesso em 3 nov. 2024.

RILEY, T.. Just 100 companies responsible for 71% of global emissions, study says. **The Guardian**, 10 jul. 2017. Disponível em:

<https://www.theguardian.com/sustainable-business/2017/jul/10/100-fossil-fuel-companies-investors-responsible-71-global-emissions-cdp-study-climate-change>. Acesso em: 3 nov. 2024.

SEM ‘mobilização mundial’ pelo clima, o objetivo de 1,5°C ‘em breve morrerá’, alerta ONU. **Carta Capital**, 24 out. 2024. Disponível em:

<https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/sem-mobilizacao-mundial-pelo-clima-o-objetivo-de-15oc-em-breve-morrera-alerta-onu/>. Acesso em: 3 nov. 2024.

TORO, B.. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação**.

Brasília: Ministério da Justiça, 1997. Acesso em 3 nov. 2024.

TORO, B.. WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização Social: Um Modo de construir a Democracia e a Participação**. Disponível em:

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/Gt8CnaNs6yFVtHeyTn7j5YahUdPzKwBj4PBrRpSSWcecJKRxugp2yUMhtZY4/5b1eeb01411d764ed1046eea1b92be10.pdf>. Acesso em 3 nov. 2024.

VARANDAS, R.. Governadores citam ajuda ao RS para cobrar mais apoio para a região Norte no combate às queimadas. **CNN Brasil**, Brasília, 19 set. 2024. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/governadores-citam-ajuda-ao-rs-para-cobrar-mais-apoi-o-para-a-regiao-norte-no-combate-as-queimadas/>. Acesso em: 3 nov. 2024.